

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

## A CARTOGRAFIA DAS MICROINTERVENÇÕES ECOSÓFICAS DO GRUPO DE TEATRO INTERATIVO: PESQUISA E INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CENTRO DE ATENÇÃO INTEGRAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE (CAIC/FURG)

Raquel Avila Amaral <sup>1</sup>  
Augusto Luis Medeiros Amaral <sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta o relato de experiência de um processo cartográfico do Projeto de Extensão *Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental* (PPGEA/FURG) junto ao Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC/FURG). Realizaram-se microintervenções ecosóficas com oficinas de *clown*, dramatizações e o curta-metragem *Mãe, eu tô grávida*, uma produção autogestionada com o Grupo de Adolescentes (UBSF/CAIC e NASF V). As microintervenções tem embasamento teórico no método da Cartografia e As Três Ecologias de Félix Guattari. As atividades artístico-pedagógicas das microintervenções promovem o sentido de cuidado consigo, os demais seres vivos e o ambiente, além de acionar movimentos instituintes que promovem a criação de alternativas para lidar com os problemas socioambientais.

**Palavras-chaves:** Método da cartografia; Microintervenção ecosófica; Educação Ambiental.

### 1. GRUPO DE TEATRO INTERATIVO: PESQUISA E INTERVENÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Neste texto, apresentamos o relato de experiência das atividades artístico-pedagógicas do Projeto de Extensão *Grupo de Teatro Interativo: pesquisa e intervenção socioambiental* (GRUTI/PPGEA/FURG) vinculado ao Grupo de Pesquisa (CNPq) *As Três Ecologias de Félix Guattari*. O GRUTI promoveu diversas microintervenções na FURG mas, neste texto, abordaremos a cartografia das microintervenções ecosóficas realizadas no ano de 2017 no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente<sup>3</sup> (CAIC/FURG).

<sup>1</sup> Mestre em Educação Ambiental. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental/Universidade Federal do Rio Grande. CAPES/DS. E-mail: [raquelavila111@gmail.com](mailto:raquelavila111@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação Ambiental. Profissional autônomo. E-mail: [augustoamaral@hotmail.com](mailto:augustoamaral@hotmail.com).

<sup>3</sup> O CAIC é uma unidade da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da FURG, que, em convênio com a Prefeitura Municipal do Rio Grande, funciona a Escola Municipal Cidade do Rio Grande, atendendo alunos

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

O GRUTI é um grupo que envolve servidores, alunos de graduação e pós-graduação da FURG e pessoas da comunidade.

O objetivo do *Grupo de Teatro Interativo* é contribuir com a formação humana, especialmente no campo da Educação Ambiental e desenvolver uma forma de atuação cênica que desperte a expressividade, criatividade, sensibilidade e o cuidado com o meio ambiente. Promovendo, através das microintervenções ecosófica, a sensibilização e o pensamento crítico para gerar transformações no nível das relações consigo mesmo (ecologia mental), com o outro (ecologia social) e com o meio ambiente (ecologia ambiental). Para isso, são realizados seminários de pesquisa, oficinas de experimentação cênica, microintervenções socioambientais na comunidade, produção de audiovisuais, escrita e apresentação de trabalhos científicos, divulgação das atividades em um grupo do *Facebook* denominado *GRUTI*<sup>4</sup>, dentre outras atividades.

O Grupo assume-se como interativo no sentido de produzir outros modos de viver e se relacionar, solidarizando-se enquanto as experimentações cênicas são realizadas e as cenas criadas e recriadas nos diversos espaços onde atua, agenciando a participação ativa dos membros, assumindo uma posição política enquanto coletividade, articulando-se em redes e associações, intervindo sobre as questões socioambientais, problematizando-as e criando soluções coletivas.

As oficinas de microintervenções ecosófica desenvolvem a inventividade humana que está ofuscada numa sociedade que zela pela repetição de padrões preestabelecidos, normalmente apropriados para justificar os mais variados regimes opressores e reprodutores dos valores e do modo de existência hegemônico, que estão relacionados com as injustiças e os graves problemas socioambientais da contemporaneidade. Trata-se de uma forma de produzir conhecimento através da ação e da reflexão crítica, da autoanálise pessoal e grupal, da autogestão pedagógica, da inventividade, do cuidado com o outro e o

---

da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. Também funciona a Unidade Básica de Saúde da Família Romeu Selistre Sobrinho responsável pelo atendimento do Bairro Castelo Branco II e arredores. Mais informações no site: <http://www.caic.furg.br/pt/>.

<sup>4</sup> Disponível no link: <https://www.facebook.com/groups/969573663063562/>. Para acessar o grupo é necessário solicitar permissão para o administrador.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

meio ambiente, do aprimoramento estético, do comprometimento social e da atuação política, do desenvolvimento da imaginação e do improviso, enquanto o humano começa a perceber o que está além das formas instituídas.

Neste artigo, explicaremos o embasamento teórico e metodológico da pesquisa e a cartografia do percurso das microintervenções no CAIC/FURG.

## **2. REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

As microintervenções ecosóficas são um tipo de pesquisa-intervenção inspirada na Análise Institucional, em especial nos estudos sobre a Teatralidade Humana (AMARAL, 2013), a Ecosofia e as Três Ecologias de Félix Guattari (1990 e 2015) e no Método Cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995).

A microintervenção ecosófica é um dispositivo pedagógico de autogestão na produção de experimentações que promovam a sensibilização ambiental e a problematização de questões socioambientais que são relevantes para o grupo, no intuito de intervir e criar alternativas para tais problemáticas (AMARAL et al, 2018). E deparamo-nos com a complexidade que configura o campo de intervenção, compreendendo suas incertezas, indeterminações, interações aleatórias (MORIN, 2011) que se fazem presentes quando colocamos em prática o planejamento. No caso do tema gravidez na adolescência, a Educação Ambiental Ecomunitarista (VELASCO, 2008) trata da relevância da educação sexual nas escolas e também na educação familiar.

O processo em laboratório conta com experimentações cênicas, realizadas em forma de oficinas em consonância com as iniciativas e proposições dos próprios estudantes com relação aos problemas escolhidos por eles e analisados por intermédio das atividades promovidas no grupo. Nas microintervenções, os pesquisadores assumem a posição de implicação na pesquisa e trabalham em conjunto com os grupos, são facilitadores do processo de autogestão pedagógica.

A concepção de intervenção aqui desenvolvida encontra seus parâmetros

# Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

epistemológicos no campo da Análise Institucional<sup>5</sup> desenvolvida na França a partir dos anos 60, uma concepção microssociológica (sociologia dos processos grupais) que busca compreender criticamente e transformar na medida do possível os diversos sentidos cristalizados nas instituições, objetivando interrogá-los a partir de um entendimento sociopolítico dos processos de ensino-aprendizagem, por meio de um conhecimento imbricado com a ação implicada do pesquisador, em que somos sujeitos e objetos da pesquisa.

Todavia, um detalhamento passo a passo da metodologia não pode ser especificado *a priori*, pois as microintervenções ecosóficadas estão atreladas às demandas dos estudantes, as suas realidades cotidianas, aos grupos sociais e contextos em que estão inseridos e somente serão conhecidos ao longo do processo. Por isso, o planejamento inicial elaborado pelos facilitadores é sempre modificado pelo Grupo e também ao longo do percurso.

Na produção dos dados da pesquisa, as atividades são registradas em um diário de campo coletivo (Grupo fechado no *Facebook*), onde são postados os artigos publicados em eventos e periódicos científicos, o detalhamento técnico das oficinas e microintervenções, tópicos dos seminários de pesquisa desenvolvidos, informações e avisos, discussões entre os participantes, *sites* e *blogs* sobre assuntos de interesse, além de textos e livros em *pdf*, fotos e filmagens das atividades, bem como as fotografias e os audiovisuais das microintervenções socioambientais. Também fazem parte do diário de campo as mensagens privadas (*inbox*) trocadas entre os pesquisadores e outros registros feitos durante o processo.

Apostamos que, ao analisarmos os acontecimentos de uma pesquisa em grupo, no caso, as microintervenções ecosóficadas, produziremos conhecimentos sobre determinadas manifestações do humano que podem contribuir com um novo campo de problematização para a formação humana e produção de conhecimento na área da Educação Ambiental. Entendemos que, a partir da emergência de outras epistemologias e dispositivos

---

<sup>5</sup> Bibliografia de base: Georges Lapassade: *As Microssociologias* (2005); *Grupos, Organizações e Instituições* (2016). Georges Lapassade e René Lourau: *Chaves da Sociologia* (1972). Remi Hess: *Momento do diário e diário dos momentos* (2006). René Lourau: *A Análise Institucional* (2014); *Implication et Transduction* (1997) e *Analista Institucional em Tempo Integral* (2004). Gregório Barembliitt: *Compêndio da Análise Institucional e outras correntes* (2012); *Grupos, teorias e técnicas* (1982).

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

metodológicos, é possível avançar um pouco mais, colocando em questão as definições que não abrem espaço para a inventividade, a espontaneidade, o imprevisto e a mudança, principais aspectos das microintervenções ecosólicas e relevantes para o campo da Educação Ambiental. É importante colocar em dúvida pensamentos hegemônicos que, implícita ou explicitamente, defendam a manutenção do *status quo* e a perpetuação de uma tradição cristalizada que aprisiona grupos e pessoas – como obstáculo à transformação das relações sociais, dos problemas ambientais e das desigualdades sociais.

Dessa forma, faz-nos sentir/refletir/transformar a relação conosco mesmo (ecologia mental), com o outro (ecologia social) e com o ambiente (ecologia ambiental). As *microintervenções ecosólicas* acionam transformações à nível microssocial perturbando o que há de estático e imutável na dimensão instituída da realidade (AMARAL, 2013) e colocando em questão o que as instituições sociais determinam como sendo proibido, permitido ou indiferente (BAREMBLITT, 2012).

Assim, o principal foco da pesquisa está nos processos de experimentação de novas maneiras de viver e se relacionar, novas formas de aprender na relação com a natureza, sem impor uma nova categorização de universais, mas articulando certas dimensões singulares do real a fim de recompor os territórios existenciais conhecidos, abrindo linhas de potencialidade que permitam ao humano reinventar-se a si mesmo e ao mundo em que vive. Nessa perspectiva, são desenvolvidas não somente a cognição, mas também as capacidades afetivas, emocionais, inventivas, intuitivas e motrizes, contemplando a iniciativa, a cooperação, a autogestão grupal, a autonomia e a análise dos processos grupais vivenciados.

No desenvolvimento das microintervenções ecosólicas no Projeto de Extensão, percebemos a estreita relação entre ensino, pesquisa e extensão já que, além dos estudantes do CAIC/FURG, o Grupo integra acadêmicos com pessoas da comunidade, estendendo a discussão sobre o modo de produção atual, um modelo econômico intrinsecamente associado às desigualdades sociais, aos desequilíbrios ecológicos, à injustiça social, à degradação do planeta, aos problemas mentais, de relações humanas etc. A partir das experimentações cênicas, os participantes criam cenicamente situações da vida cotidiana

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

que são de seu interesse e essa reelaboração promove reflexão e força imaginativa para criar outras circunstâncias na vida real.

### 3. A CARTOGRAFIA DA MICROINTERVENÇÃO ECOSÓFICA NO CAIC

No VIII EDEA, em 2016, conhecemos a *Kombi do CAIC*, que é uma biblioteca itinerante, toda colorida e adaptada para as pessoas entrarem e lerem os livros. E também a *Kombi* é usada para a escola realizar diversas atividades nos bairros e em eventos.

Em conversa com um colega do PPGEA que trabalha no CAIC, decidimos realizar nosso trabalho nesse espaço da FURG. Em março de 2017 iniciamos as oficinas na Sala de Teatro do CAIC, que possui uma boa estrutura física e de equipamentos para as atividades do Grupo, a partir daí, iniciamos as oficinas semanais e realizamos a apresentação “Dois *clowns* e uma mala” para as crianças do Maternal. Foi a primeira vez que nos apresentamos para as crianças, estávamos nervosos, foi um momento de apreensão e não sabíamos como seria a reação da turma, então integramo-nos com a energia do *clown* (a energia da criança dentro de nós) e nos lançamos no improviso. O improviso é a forma de atuação do *clown*, uma forma espontânea em que é necessário uma concentração no momento presente para sentir o ambiente e as pessoas com uma sensibilidade mais aguçada. E, nas primeiras cenas, as crianças começaram a rir e olhar fixamente para os *clowns* com os olhinhos brilhando, quando percebemos isso, sentimos uma imensa alegria, nos tranquilizamos e as brincadeiras fluíram junto com as crianças. Após brincarmos no espaço interno, fomos para a pracinha e juntamos o lixo daquele ambiente e, logo após, conversamos com as crianças sobre o problema do lixo no meio ambiente.

Ao final do primeiro semestre o grupo diminuiu e ficamos em quatro integrantes. Pensamos na forma que íamos nos reorganizar e, numa das oficinas, em conversa com dois servidores do CAIC sobre assuntos da organização do IX EDEA, surgiu a ideia de realizar um trabalho de audiovisual com o Grupo de Adolescentes da UBSF<sup>6</sup>/CAIC. Interessante o

---

<sup>6</sup> Unidade Básica de Saúde da Família Romeu Selistre Sobrinho responsável pelo atendimento do Bairro Castelo Branco II e arredores.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

rizoma que nosso envolvimento na organização do EDEA promoveu, inicialmente para o desejo de ir para o CAIC e também a ideia de trabalhar com o Grupo de Adolescentes e produzir audiovisuais.

Nesse momento, tínhamos no grupo um aluno do CAIC que tem talento para o teatro, e até então, estávamos trabalhando com o dispositivo do *clown* e outras experimentações cênicas. Quando tivemos essas mudanças, e nossas reuniões seriam à tarde, ele ficou muito desapontado porque as oficinas, a partir do segundo semestre, ficariam no turno da tarde que era o mesmo turno das aulas dele. Mas conseguimos entrar em consenso com a escola e ele ficou liberado no dia e horário da oficina do GRUTI. Mas, mesmo ele sendo mais novo que os demais integrantes, o fato de ter muitos amigos nesse grupo facilitou a sua integração. Nesse momento estávamos com um imenso desafio: trabalhar a produção de audiovisuais a partir da realização de hortas comunitárias na casa dos adolescentes, ou seja, os próprios adolescentes iriam filmar o processo da horta nas suas casas. Essa foi a proposta que levamos para o grupo. As oficinas aconteciam uma vez na semana e, ao longo da semana, estávamos em contato pelo Grupo no *Facebook* – GRUTI e no *Whatsapp*, enviando materiais para estudo, fotos das oficinas e organização das mesmas.

Os adolescentes estudam no CAIC e moram no bairro Castelo Branco (Rio Grande/RS) ou arredores, e nosso objetivo foi produzir coletivamente audiovisuais, a partir da proposta do dispositivo pedagógico da horta comunitária para desenvolver a vizinhança solidária (VELASCO, 2005) e a autogestão a partir do plantio de alimentos orgânicos para trabalhar questões da Educação Ambiental no Bairro Castelo Branco. Mas, em conversa com as Agentes Comunitárias de Saúde e com o Grupo de Adolescentes, o tema de interesse era a gravidez na adolescência.

É necessário frisar que o desejo dos adolescentes pela proposta, a colaboração do CAIC, do Posto de Saúde/CAIC, do NASF V e, principalmente, o interesse e o trabalho coletivo que tivemos com as Agentes Comunitárias de Saúde, que são as responsáveis pelo trabalho com esses adolescentes, foram fatores fundamentais para o êxito da produção do filme do Grupo de Adolescentes.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Em agosto de 2017, iniciamos a microintervenção com o “Grupo de Adolescentes”. Nos primeiros contatos com a turma, participamos das atividades rotineiras do grupo que eram as palestras, as atividades físicas e os jogos. Vimos o desafio que seria propor uma atividade de produção audiovisual numa turma de 40 adolescentes que era instável, porque cada semana chegavam novos integrantes. No primeiro mês, pensávamos que não daria certo a microintervenção, porque os estudantes eram muito agitados e o número excessivo de participantes dificultava um trabalho de diálogo e autogestão. Tomamos consciência dessas dificuldades e nos desafiamos a criar estratégias para superá-las, uma das estratégias foi fazer um crachá para cada adolescente. Conseguimos superar as dificuldades porque num determinado momento os adolescentes acolheram a proposta, já que a nossa ideia era fazer um trabalho conjunto com as ideias deles, e quando deram-se conta disso, tudo fluiu. O momento chave foi a elaboração do roteiro<sup>7</sup>, pedimos para gravarem o áudio no celular. As oficinas eram semanais e levamos a proposta de produzirmos um documentário sobre a realização da horta comunitária no bairro. Inicialmente, os adolescentes fizeram filmagens (com o uso do celular) do ambiente, das plantas e dos animais da sua casa e do bairro, mostrando as belezas e os problemas socioambientais do bairro. Mas não era o desejo do grupo fazer a horta comunitária e, sim, tratar o tema “gravidez na adolescência”. A partir dessa decisão, iniciamos o roteiro do filme, para isso, dividimos os 40 adolescentes em grupos e combinamos que elaborassem o roteiro oralmente e gravassem o áudio no celular. Posteriormente, durante a primeira filmagem (na biblioteca), percebemos que a dramatização da história de um dos grupos teve um bom resultado e não seria possível realizarmos a filmagem dos roteiros de todos os grupos, então, decidiu-se pela produção de um só roteiro. Para a filmagem, utilizamos os equipamentos do LAPEA (câmeras de vídeo, tripé, caixa de som, microfone de lapela) e para a edição, o *notebook* da autora desse texto e o computador do laboratório do Curso de Artes Visuais/FURG para fazer a arte final. Os diálogos foram improvisados pelos atores/adolescentes com a orientação do

---

<sup>7</sup> Vídeo da produção do roteiro no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Dk6pwXGaJ6w>.



# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

diretor/facilitador. O local de filmagem foi o CAIC – sala-de-aula, biblioteca, espaço da horta e jardim de plantas medicinais e áreas externas ao prédio. Além das oficinas, nos comunicávamos via grupos do *Whatsapp* e do *Facebook* para a organização das oficinas, postagens de materiais para estudo, fotos e filmagens do processo da microintervenção.

Por meio das filmagens de algumas cenas, conseguimos integrar o tema da gravidez na adolescência com a nossa proposta inicial da horta e plantas medicinais. O filme tem cenas nos espaços da horta do CAIC e do Relógio do Corpo Humano de plantas medicinais da UBSF/CAIC. Foi um momento bem importante quando percebemos que poderíamos fazer essa integração de temas através da escolha de alguns ambientes para determinadas cenas.

A partir das microintervensões e a geração de movimentos instituintes, pretendemos desenvolver uma formação em Educação Ambiental que desenvolva a participação, a autogestão, a criatividade e a sensibilidade. E também envolver-se em projetos colaborativos e ações solidárias em rede. Analisando os problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões e enfrentando situações de dificuldades, imprevistos e incertezas.

As *microintervensões ecosófic*as surgem da necessidade de lidar com a complexidade da problemática socioambiental e estão ligadas a importância de produzirmos, com auxílio de métodos e técnicas artístico-pedagógicas, movimentos instituintes. Promovendo microtransformações no cotidiano (GUATTARI, 1981), perturbando o que há de estático e imutável na dimensão instituída da realidade (AMARAL, 2013) e colocando em questão o que as instituições sociais determinam como sendo proibido, permitido ou indiferente (BAREMBLITT, 2012).

Nesse tipo de pesquisa, desenvolvendo-se as potencialidades e capacidades do grupo em sua relação com o ambiente, na medida em que são intensificadas as capacidades emocionais, inventivas, afetivas, imaginativas e intuitivas, privilegiando o aprendizado coletivo, a autonomia, a solidariedade e a autoanálise pessoal e grupal.

Gravidez na adolescência é uma questão que os adolescentes devem refletir, estão num momento de mudanças hormonais, no corpo, na voz, no comportamento, é um

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

período de descobertas e a informação é fundamental para prevenir doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência. Essas questões, detectadas nos diversos contextos em que os estudantes estão inseridos, ao serem transpostas nas oficinas, são reelaboradas em forma de dramatização orientada, experimentações fazendo emergir alternativas que talvez ainda não tivessem sido levadas em consideração pelo Grupo – outras perspectivas, outros modos de perceber e de lidar com os mesmos problemas promovendo conhecimento e força para lidar com essas mesmas circunstâncias na sua vida.

Para que pudessem ser realizadas essas microintervenções e pudéssemos ter esse aprendizado, ressaltamos a importância da colaboração das seguintes instituições: Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC/FURG), da Unidade Básica de Saúde da Família/UBSF/CAIC, do Núcleo de Atenção à Saúde da Família (NASF V), do Laboratório Audiovisual de Pesquisa em Educação Ambiental<sup>8</sup> LAPEA/FURG e do Curso de Artes Visuais/FURG. Sabemos que, em muitos casos, é difícil fazer um trabalho com tantas parcerias, cada uma com suas regras e protocolos, mas podemos dizer, neste caso, que o trabalho conjunto em prol de um objetivo comum foi alcançado e foi possível a estreia do filme na Sala de Teatro do CAIC com a presença da comunidade, dos adolescentes e seus pais e familiares, dos servidores e professores do CAIC e FURG. Esse foi um dos trabalhos mais gratificantes e importantes da nossa trajetória como Educadores Ambientais.

E assim, foi surgindo e desenvolvendo-se o rizoma para a produção do filme, com uma série de agenciamentos e fluxos de acontecimentos. O CAIC é uma escola que na sua essência tem uma história no trabalho com a Educação Popular, promovendo e acolhendo diversos projetos interdisciplinares e uma prática com inovações pedagógicas, e nos sentimos muito confortáveis para realizar nossas experimentações e microintervenções. Parcerias interinstitucionais, normalmente podem causar desentendimentos e entraves burocráticos, mas neste caso, o trabalho fluiu e houve um trabalho colaborativo, motivo

---

<sup>8</sup> Site do LAPEA: <http://www.lapea.furg.br/>.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

pelo qual tivemos o resultado do trabalho, a produção do filme do Grupo de Adolescentes.

A produção do filme teve inúmeros desafios, já que estávamos ingressando num grupo com uma rotina de atividades e sabíamos que apresentar uma proposta nova poderia não ser aceita, além da dificuldade de realizar um filme com um grupo de 40 adolescentes sem experiência em dramatização e, inclusive, uma das autoras desse artigo que era uma das facilitadoras do processo, também não tem experiência em atuação. Mas, analisando o percurso, constatamos que houve a confluência de certos fatores: o trabalho coletivo com as Agentes Comunitárias de Saúde; o apoio e colaboração da coordenação da UBSF/CAIC, do NASF V e do CAIC; nossa disposição em mudar o planejamento inicial das hortas comunitárias para o tema de interesse do grupo – a gravidez na adolescência; a percepção dos adolescentes de que o filme era uma produção deles, ou seja, que o grupo seria autor do roteiro e os diálogos seriam improvisados por eles, e nosso papel seria dirigir e colaborar com o processo. Esses fatores que se conjugaram para o êxito do filme referem-se à iniciativas embasadas, principalmente, nos estudos sobre autogestão de grupos e As Três Ecologias de Félix Guattari. O resultado foi a produção do curta-metragem *Mãe, eu tô grávida*, culminando na sua exibição, em dezembro de 2017, no auditório do CAIC, com a presença dos adolescentes, seus pais, familiares, profissionais do Posto de Saúde/CAIC, professores e servidores do CAIC, pesquisadores do Grupo de Teatro Interativo, colaboradores do Curso de Artes Visuais/FURG e convidados da comunidade. O filme está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=KDPhbb2X3l4>.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme produzido pelos adolescentes enfatiza a importância dos projetos de extensão, ensino e pesquisa numa prática pedagógica autogestionada com a participação ativa dos adolescentes e de um trabalho integrado e comprometido. Em função dessa integração e colaboração do CAIC/FURG, UBSF/CAIC, NASF V e Curso de Artes Visuais da FURG em parceria com o GRUTI, foi possível realizar esse belo e exitoso trabalho.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

O processo cartográfico acompanha os fluxos da vida e aprendemos que o planejamento inicial do projeto precisa estar em movimento e aberto as inúmeras interferências da prática, principalmente ao diálogo e reelaboração coletiva no processo de autogestão.

O Grupo concretiza uma ideia inovadora e necessária na área da Educação Ambiental, ou seja, que a ação humana pode ser realizada com outro tipo de sensibilidade e novas formas de interação. A atividade humana pode ser feita com mais cuidado do ponto de vista da relação com a natureza, em consonância com saberes populares e conhecimentos técnico-científicos. Ou seja, uma possibilidade de relação entre corpo e meio ambiente mediada pela sensibilidade e pelo cuidado, uma forma de aprendizado que se desdobra na transformação de si e do mundo.

A pesquisa mostra que as microintervenções ecosófica vem sendo capazes de produzir espaços de formação que possibilitam a expressão de novas ideias e valores, outros modos de coexistência, novos processos de subjetivação que promovam a reinvenção e o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio ambiente.

## 5. REFERÊNCIAS

AMARAL, Augusto Luis M. **Teatralidade humana**: estudos sobre a relação corpo ambiente em um processo cartográfico na educação ambiental. 2013. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande, 2013.

AMARAL, Augusto Luis Medeiros; GENTILI, Alfredo Guillermo Martin; AMARAL, Raquel Avila. Grupo como dispositivo: a microintervenção ecosófica nos processos de formação em educação ambiental. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 44, págs. 1-18, março de 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022018000100438&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100438&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes**: teoria e prática. 6º ed. Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012.

DELLEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p.

# Revista GepeVida 2018

*Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental*

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Que es la Ecosofia?** Textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

VELASCO, Sirio Lopez. **Ética para o século XXI: Rumo ao ecomunitarismo**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2005.

VELASCO, Sirio Lopez. **Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.